

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.004

Quarta feira, 1 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

EM GUARDA, TRABALHADORES!

Conspira-se contra a classe operária

Quem prepara a pavorosa?

Ontem foi enviado pelo correio à Confederação Geral do Trabalho o seguinte documento datilografado:

Programa do próximo movimento revolucionário das classes operárias

1.º—Preparar e obter o apoio da força pública.

2.º—Fuzilamento sumário dos piores políticos, comerciantes e seus cúmplices.

3.º—Abstenção completa de assaltos a estabelecimentos, para não se estragarem as mercadorias.

4.º—Fundação de novas cooperativas auxiliadas pelo Estado com 50 % do capital, servindo de caução às associações.

5.º—Reclamar a mobilização, por sorteio, de 10 ou 20 estabelecimentos em cada freguesia, concelho ou distrito, para servirem de armazéns reguladores.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1922.

O Grupo Harmonia Social

Ontem foi terça-feira de entrudo. Dir-se-ia, pois, que se tratava dum brincadeira de carnaval, e por isso mesmo infensiva.

Mas o caso muda da figura se se tiver em conta os antecedentes, as prevenções, as ameaças, o corno de ditirambicas insinuações mentirosas de grande parte da imprensa que, por si, ou por alguém interessado em pescar nas águas turvas, inventou uma pretensa greve geral revolucionária, em que a classe operária não pensou, de que a organização sindical nem sequer se ocupou.

Trata-se, evidentemente dum traço urdido com o fim de preparar ambiente para perseguições à organização ou aos militantes; trata-se de dar satisfação aos desejos da Confederação Patronal, de toda essa alcateia de tartufos, que tendo-se locupletado à custa da miséria do povo trabalhador, não vê bem que este defenda os seus interesses, a sua existência permanentemente ameaçada pela fome, lente e mortifera.

Sem dúvida que a classe operária não quer morrer de trabalho e de fome, e por isso mesmo se reúne e toma deliberações concorrentes à maneira como há de resistir ao flagelo, preparando-se para instituir no sentido de conseguir melhorar as suas condições económicas, como se reúne para estudar e executar planos de defesa das suas liberdades. Proclama assim o seu direito de viver, ao qual não se pode opor a desenfreada ambição capitalista nem as hipocratas convenções sociais.

Mas as suas deliberações são públicas, discutidas e resolvidas com pleno conhecimento de toda a gente e ao abrigo da própria razão que as determina. E' sempre um movimento de classes profissionais ou industriais, é um movimento de massas populares, sempre representadas pelos organismos sindicais—únicos que representam as classes operárias e que sobre as suas questões deliberam.

Como é, pois, que surge um grupo, embora da «harmonia social», a apresentar programas revolucionários e de realizações imediatas? Quem lhe conferiu poderes? Quem classes operárias é que representa?

Evidentemente há nisto especulação, e especulação baixa com algo de infame.

Há infiltração, porque não é qualquer grupo, por muito numeroso que seja, que vai assim deliberar que se realize um movimento sem prever o conhecimento dos interessados, quando em sindicalismo só os próprios interessados deliberam; e é infame, porque no mesmo programa se insere matéria, que se pode justificar-se num movimento espontâneo de revolta e revindita do povo, não pode, não deve constar dum programa, porque seria instituir em sistema a pena de morte, que a classe operária, que todos os homens de sentimentos humanitários — elem solene e veementemente.

E' necessário que se saiba que a organização sindical não considera a supressão violenta de quaisquer criaturas como o remédio necessário para resolver a questão social, ou mesmo simplesmente para atenuar as causas do mal estar presente. Mas aquilo é colocado no programa para concitar os ódios contra as classes operárias. E' seguramente, para justificar a repressão, e será talvez para ser utilizado como argumento dos políticos, das forças reacionárias da burguesia para, amanhã, justificarem a necessidade de se instituir em Portugal a pena de morte.

Este programa, que não corresponde absolutamente em causa alguma a quaisquer deliberações da organização sindical, deve talvez fazer parte do plano maquiavélico adrede arranjado e à volta do qual, ou dentro do qual, gira toda a campanha de mentira, de insinuação, de infâmia de alguma imprensa nestes últimos dias e com que se pretende justificar o cerco de tropas estabelecido em volta de Lisboa.

Tudo nos leva a crer que se trate dum pavoroso, para destruir a organização proletariana e para tirar toda a vontade de luta por parte da classe operária, para que esta não leve por diante um movimento de solidariedade para com as classes ora em luta, nomeadamente a da Carris, e para não se movimentar no sentido de procurar melhorar as suas condições económicas.

Este é, evidentemente, o plano. Quê a classe operária se ponha em guarda, para não ser colhida de surpresa. E, sem deixar, seriamente, de robustecer os seus organismos de classe; sem deixar de se preparar para obter as suas reclamações pendentes ou a formular ao patronato; sem deixar de prestar o seu concurso sólido à classe em luta e que o Estado e a Confederação Patronal querem esmagar, não consinta nas especulações dos políticos ou das forças de trabalho.

Este programa veio revelar uma conspiração. Quem tenta contra a classe operária?

Em guarda!

NOTAS & COMENTARIOS

Ação de sabujos. Um agrupamento de sabujos conhecido por União dos Operários Panificadores, agrupamento que actua sob o influxo da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, ou seja o célebre grupo da moagem e panificação, acaba de tornar pública uma das suas mais repelentes indignidades. Entregou ao ministro das colónias uma representação repleta de abjetas denúncias, de mentiras parvas, em que são acusados os componentes da Associação dos M-

...he apenas para armar em benemerita.

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tabalha-Lisboa; Telefone 5339-6

</div

ver. \$10; João Vicente, \$20; Ema Braga, \$20 — soma 22345.

Lista n.º 2

José dos Santos, 1550; Joaquim Bastista, 2350; Agostinho do Sousa, 2350; Joaquim Bastos, 2350; João Jorge, 2300; Teófilo Alves, 1500; Firmino Peixoto, 1550; Manuel da Silva, 1550; Luís dos Santos, 1500; Florencio dos Santos, 1500; Alberto da Silva, 1550; Antonio Henriques, 2350; Alberto de Almeida, 1500; Manuel Ferreira, 1550; Antonio Nunes Loureiro, 2350; Joaquim de Almeida, 1550; Francisco Augusto, 2350; Manuel Gomes, 2350; Bernardo Nunes, 2300; Antônio dos Santos, 1550; Joaquim Diabuanto, 500; Guilherme Horta, 5500; Damazo Inácio da Silva, 2300; Francisco Florencio, 550; Gregorio Rodrigues, 550; Luís da Carvalho, 2300; Antônio Rosa, 550; Manuel Joaquim Costa, 1500; João Domingos, 1500; Antonio Martins, 1525; Januário Nunes, 550; Amadeu Alves, 550; Maximino Soares, 1500; Antônio Anacleto, 2350; Ismael Ribeiro, 2350; Armando Ribeiro, 2350; Luís da Oliveira, 2350; Nél Ribeiro, 2350; Raul Marques, 1500; Alfredo Duarte, 1550; João Amaro, 1550; Luís Gonçalves, 2350; Vitor Martins, 1500; Ernesto Inácio, 1500; Alberto Dias, 1500; Bazilio Fernandes Correia, 2350; Edmundo da Silva, 2350; Francisco Gaspar, 2350; Custodio Pedro, 1550; Carlos Martins, 2350; Antônio Francisco, 1500; Augusto P. d'Or Cravo, 70; José Moreira, 1500; José Casquinho, 1500; Alfredo Lopes, 1500; Francisco dos Anjos, 2300; Joaquim Carvalhaes, 1500; José Ferreira, 550; Antônio Franco, 2350; Joaquim Martins, 2350; Francisco Gomes da Oliveira, 2350; Augusto Ferreira, 1550; José Saraiva, 1550; Joaquim Vicente, 550; Serafim dos Santos, 1550; Vilamot Madeira, 550; José Ramos, 550; Manoel Diogo, 550; Antônio Vianas, 1550; José Mendes, 1500; Joaquim Adrião, 1500; João Antônio Caldeira, 550; Jerônimo da Graca, 550; Antonio Cabral, 60; Acácio Nunes, 550; Antônio Alberto, 2350; José Pereira, 1500; Antonio Quedes, 550; José Vicente, 1500; Quirino Fernandes, 550; José dos Santos, 1550; Antonio Vitor, 1500; Antônio Ribeiro, 550; Manuel Ferreira, 1500; Alves Junior, 1500; Domingos Marques, 550; José Cadima, 550; José Dionisio, 2350; João Caldeira, 2350; Antônio Caldeira, 2350; Antonio Bátista, 6500; Saturino Augusto Rodrigues, 1500; José Manuel, 1550; João Vicente, 1500; José Luciano, 1500; João Miranda, 2350; José Avelino Duarte, 2350; Francisco Oliveira, 2350; Manuel Justino, 550; João dos Santos, 3000; João dos Santos, 1555; Francisco Secco, 1500; Antônio Nunes, 1500; Raimundo Francisco, 1500; Salvador Moita, 1500. Total 16720.

Lista n.º 3

João Francisco Grilo, 1500; José S. Bento, \$50; Renaldo Alvaro, \$50; Alípio Gonçalves, \$50; Ant.º José Rocha, \$20; João Gonçalves, \$50; Joaquim Coelho, \$50; Enília da Conceição, \$20; Maria Augusta, \$20; Adelaide, \$20; Antonio Alves Cavada, \$50; Antônio Barbosa, \$40; Manuel dos Anjos, \$20; Fernando António, 1500; Amorim, \$30; José Ferreira, \$30; Lúcio Rodrigues, \$30; Antônio e Anaíma e Armande da Silva, \$40; Seixas Augusto, \$50; José Gonçalves, \$50; Dionísio Bragança, \$50; Antonio Rua, \$20; Luis Rua, \$30; Antônio, \$30; Manuel Araújo, \$30; José Nunes, \$10; José de Souza, \$20; Antônio, \$10; Artur Pinto, \$50.

Transporte..... 321568

Um grupo de operários C. Civil da oficina na R. do Prior. 2505

Quete na Casa da Moeda (1). 2245

Americo Ferreira, 1500

Alvaro Martins Santos, 2500

Fute, 2500

José Carlos Perdigão, 2500

Abel José Silva, 2500

Joaquim José Cunha, 1500

José Maru, 1500

Antonio Magina, 2500

Quete em Monção, 2500

Quete entre os operários do Manicomio de Lisboa (2), 16720

Corticeiros da Aldeagre, 5500

Luis Carvalho, 5500

Deltina Correia, 5500

Barbara A. P. J. 5500

Rosaria Quinta Nova, 5500

Leililde Gonçalves, 5500

Suzilina d'Aquino, 5500

Ameida Alves, 5500

Joaquim S. Marques, 5500

Manuel Samina, 5500

João Fernandes, 5500

João Calvário, 5500

Januário de Jesus, 5500

Gervasio de Oliveira, 5500

Francisco Pinho, 5500

Quete na Metalurgica Limitada, 5500

secção de serração:

Brazileiro, 5500

Felix, 5500

Figueiredo, 5500

Minhoto, 5500

Russo, 5500

Carlos, 5500

Isidoro, 5500

José Paisso, 5500

Alturas, 5500

Neto, 5500

Serra, 5500

Gonçalves, 5500

Dias, 5500

Gouveia, 5500

Cabral, 5500

Silva, 5500

José Alverca, 5500

O. N. 15, 5500

Aires, 5500

Um artilheiro, 5500

Manuel das Aguilhas, 5500

Salvador, 5500

Carlos, 5500

Ister, 5500

A transportar, 5500

Camarada, fixa bem

Para comprares calçado precisas dum casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o PAVILHÃO AMERICANO

R. Marquês de Alegrete, 77

VIDA SOCIAL

O Proletariado Russo e o Teatro

Por Francis Treat

O teatro, arte directa, desviado do seu papel social pelo mundo burguês, atingiu na Rússia soviética um desenvolvimento digno do grande país que o tem renovado. Será consolador para os nossos camaradas ver surgir dos mais cruéis sofrimentos da revolução um verdadeiro teatro do Povo, tal como nós o havíamos sonhado, mas cuja realização nouros países se não poderá empreender sendo depois de ter baqueado o regime dominante.

Nunca o governo da Rússia revolucionária deixou de se preocupar com o teatro. Frequentes vezes ouvi mesmo dizer a amigos escritores ou pintores que os artistas dramáticos eram particularmente distinguidos, às vezes em detrimento dos outros. Sem dúvida em absoluto desta opinião — pois bastantes actores infelizes — devem certificar que de todas as artes, uma pequena burguesia de funcionários, de antigos especuladores, de novos logistas, têm sido atraiados pelo tímido drama e no Paraíso. Sob as luzes baças e vacilantes do circo, com a sua equipa de navegadores, as suas gracas forcadas e fáceis, os seus artifícios sem pudor e sua técnica de vulgarização, a peça desliza de paixões ao público, mas não se encontrava de baixo do aborrecimento geral dos espectadores. Esses espectadores, aliás, muito especiais, muito diferentes dos que frequentavam outras salas, uma pequena burguesia de funcionários, de antigos especuladores, de novos logistas, têm sido atraiados pelo tímido drama e no Paraíso.

Teatros, porém, não faltam, e ainda que verão passado, na época difícil que antecedeu a colheita, em que o operário de Moscou muitas vezes não tinha que comer, funcionaram sempre desse teatro à sua escolha, não falando nos inumeráveis concertos e representações efectuadas nos círculos obréiros. O repertório era dos mais variados. Tendo à vista um programa de festas representadas nos teatros de Moscou na última semana de Junho do ano passado. Figuram aí: *Edipe Rei*, de Sophocle; *Fonte Oveluna*, de Lope de Vega; *D. Carlos*, *Guilherme Tell* e *Os Banditinhos*, de Schiller; *O Copo de Água*, de Scribe; *Sardanapalo*, de Byron; *O Mexicano* e *Os Homens-Lobos*, de Gogol; *Ouro*, de Maeterlinck; *A Catastrofe*, de della Grazia; *A Perda da Esperança*, de Grytsaia, e de Molière; *O Médico à Fórce* e *Tartufo*; peças de Tolstoi (*Festas da Civilização*); de Gorki; (*Os Amigos e Os Páris*); de Gogol, Gundof, Ostrowsky, Taritsch, Oribeyoff e Lunatcharsky. Além disso, representaram duas sátiras políticas e óperas de Moussorgsky, Tchaikovsky, Albert e Rimsky-Korsakov.

Nove desses teatros eram teatros de Estado, sujeitos à censura mais ou menos directa do comissariado de Instrução Pública. Isto dava-lhes direito a certas subvenções e às rações alimentares para os seus actores. De mais, foram numerosos distribuídos gratuitamente aos sindicatos e às organizações militares, podiam vender uma certa quantidade de bilhetes, cujo preço (neste tempo) variava entre 1.000 e 4.000 rublos — o valor dum maço.

O repertório dos teatros de Estado mostra claramente qual o papel que Stanislawky admirável é. O seu teatro de arte, pioneiro e ao mesmo tempo respeitado no regime actual, é aprimorado com a experiência de todos os teatros de arte da Europa e da América, continua a dar notáveis representações de Shakespeare, Tchekhov, Maeterlinck, segundo a melhor tradição moderna. O próprio Stanislawky, depois de ter sido o criador das inovações dum Gordon Craig ou dum Max Reinhardt, faz quanto pode por se adaptar à sociedade nova. Desde a revolução que a obra do seu teatro se tem alargado. Ele fundou novas casas suspensores, entre as quais um teatro israelita onde se representa em hebreu e yiddish, e uma escola de ópera onde se trabalha para fazer da ópera um verdadeiro género artístico, aplicando-lhe a técnica de estilização e de simplicidade na acção e as vidas que Stanislawky já tem aplicado ao drama. Queixa-se Stanislawky de que não se interessam pelo seu teatro, que o frequentam pouco, e reacia que, depois de ter estado na Meca do mundo dramático, o seu teatro da Ave se vê obrigado a fechar. Não considera, porém, que o grande ancião que o seu teatro já não corresponde em nada à época em que vivemos, que os requintes dum Maeterlinck, dum Andreiev ou dum Strindberg, são fraco atractivo para um povo revolucionário de proletários. Shakespeare, em suma, é história; Maeterlinck, aí certo ponto também o próprio Tchekhov, pinta costumes de ontem, e entretém-se com elas, escondendo todavia as peças que tentam alcançar social. Há nisto, com efeito, uma formação de espírito que o russo não pode escapar. A outra conceção apoia-se no papel político do teatro.

Bem longe das ideias desse teatro popular estão as produções desse artista que só aproveitam à burguesia, no momento em que por todo o mundo o proletariado solta o seu grito de rebeldia, levantando-se contra o capitalismo explorador, ferindo fundo o Estado seu defensor, quando esses esforços seriam mais aproveitáveis, dirigidos contra a mesma burguesia, procurando por todas as formas destroná-la do pedestal onde se encontra colocada e onde estará tanto mais tempo quanto estas pequeninas lutas entre operários durarem.

Sabem os que me conhecem que até ao momento em que saí de Portugal, de todo o meu esforço, toda a minha dedicação ao movimento operário, que só despendi esforços em lutas esteriores, que só aprestando à burguesia, no momento em que por todo o mundo o proletariado solta o seu grito de rebeldia, levantando-se contra o capitalismo explorador, ferindo fundo o Estado seu defensor, quando esses esforços seriam mais aproveitáveis, dirigidos contra a mesma burguesia, procurando por todas as formas destroná-la do pedestal onde se encontra colocada e onde estará tanto mais tempo quanto estas pequeninas lutas entre operários durarem.

Um sonho, Sombra: animadas que só eram vozes. E tudo isto tão livre, tão avesso de constrangimentos, de convenções, de conformismos, de opiniões que choravam. As crianças do arrabalde da gare de Kazan tinham feito mais que toda a alegria russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Entre os espectadores vi alguns operários que choravam. As crianças do arrabalde da gare de Kazan tinham feito mais que toda a alegria russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Entre os operários que choravam, as crianças do arrabalde da gare de Kazan tinham feito mais que toda a alegria russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte zinhas, doces falando em círculo ritmo.

Manhã, dia 15 de Julho, quando a revolução russa, cantando ao contacto umas das outras, como uma floresta ao sôrdo do vento, e acompanhavam o ruído de vinte

Da Argentina

As venalidades da política

Por causas estranhas à nossa vontade, é possível que os «socialistas» encontrem excesso de trabalho que contém entre os dois candidatos diferentes realizados, não podemos dar as diferenças acentuadas. Nós, operários dos partidos políticos, para iniciada da campanha eleitoral, apoderarem do governo e distribuir entre os seus filhos favoritos, grossas recompensas orçamentais.

Nenhum deles se julgou obrigado a apresentar publicamente, uma plataforma eleitoral. Mas todos demonstram não recuar a que apresentava o partido socialista.

A história política da Argentina podem contar-se dois presidentes, refidamente aristocráticos, chauvinos Manuel Quintana e Roque Saenz Peña, que se manifestaram de acordo com a plataforma eleitoral, se não com o programa mínimo do partido socialista, é inimigo do proletariado.

Recentemente o dr. Rodolfo Moreno, chefe do partido conservador da província de Buenos Aires se vangloriou de ter colocado em segundo plano a questão das personalidades destacando a das ideias. As ideias a que ele se referia coincidem em absoluto com as apresentadas pelos «socialistas».

Os radicais também não apresentam programa. Mas supõem ter inaugurado uma nova política operária com as sanções iniciadas ou votadas pelo congresso — salário mínimo, código penal, arrendamentos agrícolas, lei dos alugueres, etc. — e com a condução do P. E. diante do movimento operário. Venho a propósito recordar aos leitores da *Batalha* as nossas crónicas sobre os acontecimentos de Santa Cruz. Este governo em nada é diferente da conduta dos outros governos capitalistas.

Afirmo que se elevaram à altura dos «socialistas» no campo da legislação social. E os reformistas contribuem para consolidar esta opinião, quando reclamam para si a paternidade de leis que nunca poderiam ter conseguido com os seus únicos votos.

No campo da legislação todos os partidos burgueses e semi-burgueses se assemelham.

Não se assemelharão também no seu pensamento fundamental? Na província de Buenos Aires está-se travando a primeira batalha eleitoral, tam ruidosa como dura.

Duma parte luta o dr. Moreno a quem os socialistas chamam liberal, apesar de ser candidato dum partido que se denuncia conservador e que na Câmara votou para que a revolução social fosse alegada em sangue e fogo. Da outra parte luta o radical Cántilo.

Francisco L. HERRERA.

NO BARREIRO

Desordem

Ontem à porta de uma taberna na rua Vale de Santo Antônio, houve uma desordem entre vários indivíduos, à qual pôs termo, disparando alguns tiros, um cívico, que por ali passou a paisana.

Resultou ser atingido com um tiro na perna direita, um dos desordeiros, de nome Pedro da Silva, de 21 anos, natural de Lisboa, serralheiro mecânico e residente na Rua da Bela Vista, à Graça 4, 3º, o qual foi conduzido ao Hospital de S. José e recolheu sob prisão à enfermaria de Santo Antônio.

Este crime foi notificado pelos jornais, o que elas não notificaram foi os espraiamentos feitos pela polícia na estrada da Verderena, quando pretendiam prender o criminoso.

O criminoso conseguiu evadir-se, e alguém houve que veio participar o caso a polícia desta vila.

Pois o chefe Figueiredo, comandante do posto policial desta vila, manda imediatamente destacar para o local do assassinato todos os guardas de polícia que tinha a seu dispor para prender o criminoso, e tais ordens lhes deu, que os policiais, vendo em toda a gente que encontravam os autores do crime, sem repto por ninguém, começaram a espancar a torto e a direito, não escapando mulheres e crianças. A minha porta foi espancado um rapaz de 14 anos à coronha, minha mulher, com uma crincha de 2 anos ao colo, vendo a fúria de semelhantes selvagens, fugiu para casa, sendo intimada a sair para a rua com a crincha ao colo, depois de ver que os selvagens, de espingardão a cara, eram capazes de disparar para dentro de casa.

Vem de 19 de Outubro, e o celebre comandante Figueiredo, temendo que o zóvo dessa vila, num gesto de *rénvance*, o fizesse expiar os selvagens praticados, promete a alguém que o interpelou sobre o caso, que iria fazer um inquérito para castigar as práticas exibidas. Mas até hoje não consta que tal inquérito se tenha feito.

E como tudo isto já passou ao esquecimento, recedita-se nova selvageria espalhando um desgraçado, com o nome de Manuel Rocha Ramos, com mulher e 3 filhos, que aqui faz serviço como moço de fretes à chegada dos comboios.

Lavravam-lhe um auto de resistência e mandam-no para a cadeia do Seixal. E assim, a justiça desta República de malto e coroa!

Barreiro, 26-2-922.—J. Correia de Barros.

P. S. Depois de ter completado esta carta fui informado que a vítima podia sair à pronúncia, mediante a importação de 1050 escudos; participei o caso a alguns camaradas ferrovários, abrindo-se uma queite em favor do desgraçado que rendeu 12500 escudos.

Agentes em Lisboa:

SERRO, NEUES & ESTEUS

Rua Eugénio dos Santos, 140, 2º

Onde podem examinar a boa coleção de todos os artigos para homem e se... hora...

ABATALHA na província e arredores

S. Tiago de Cacém

25 de FEVEREIRO

Felicitando

Ao iniciarmos esta correspondência para *A Batalha*, cumprimos felicitá-la para a data de hoje, desejando-lhe longa vida futura sempre, intrepidamente, pela nobre e justa causa da Emancipação Proletária.

Pela Instrução

A Escola Racionalista dos Trabalhadores Rurais cá vai indo com entusiasmo, apesar das más vontades dos muitos homens «sérios» que por ai pululam... Nas suas duas secções conta uma frequência de 40 alunos, com tendência para aumento.

Pena é que a Associação dos Rurais não possa conjuvar esta tão útil e necessária instituição em mais larga escala dando margem a que se criasssem mais secções de escolas noutros pontos, onde a sua falta bastante se faz sentir. E não pode devido ao estado de fraqueza em que se encontra, pois um lamentável estado de inféria paira sobre os trabalhadores desta região, continuando, criminalmente, a preferir a taberna ao seu sindicato; isto numa altura em que o patronato se organiza fortemente...

E' simplesmente lamentável, e a burguesia só goza com isso. Para atalhar este mal, bom seria que os organismos centrais por aqui enviassem delegados

seus vez a miúdo em propaganda. Mas, como fomos dizendo: a impossibilidade de serem criadas novas secções escolares é resultante de não dar ordem suficiente para uma criação se manter, apesar do trabalho não ser pôr; e nós, francamente o confessamos: só por um grande amor à causa dos humildes — mantemos o sacrifício. Mas no meio de tudo isto, ainda há críturas... bem intencionadas que julgam ou fingem juígar, que nós tiramos largos proveitos!..

Ab! senhores ôdis! Tenham ao menos amôr à terra que lhes foi berço...—C.

Guarda

25 de FEVEREIRO

Um julgamento

Foram anteontem julgados os assassinos de João da Costa Lima, morto em circunstâncias bastantes trágicas e revolucionárias da maior ferocidade. O julgamento foi, de certo modo, sensacional, terminando, com uma assistência numerosíssima, tanto quanto a sala podia comportar, pelas 6 horas da manhã. Os advogados de defesa, drs. Almeida e Diniz da Fonseca fizeram a diligência de salvar os seus constituintes ou atenuar as penas, procurando destruir as declarações de algumas testemunhas, especialmente as do polícia 34, que ainda teve de encrespar-se, mas as provas eram esmagadoras e, assim, os réus, que se chamavam Manuel Gonçalves e António Antunes foram condenados, o primeiro em 6 anos de penitenciária por 9 de África, o segundo em 8 anos de penitenciária seguidos de 12 de África, ou 25 na alternativa.

Porque falta a batata

Na Guarda faltava a batata para ser distribuída ao povo por intermédio do Comissariado dos Abastecimentos. A que aparece no mercado, é tão cara que não há quem lhe possa chegar.

No entanto, na estação da Guarda havia rumas e rumas desse precioso género, a estragar-se recorreu-se com as geadas dessas últimas noites ou a apodrecer, o que sucederá dentro em breve, se umas gotas de água caírem. Seguramente, 30 vagões de batatas para lá estão empilhados, à espera de material, que nunca chega, e se chegar há-de ser utilizado pelo delegado directo do Comissariado Geral, que há semanas por aqui anda numa luta-luta a comprar gêneros para

Ribeira. De modo que, na Guarda, o povo não tem que comer, enquanto na estação a batata, em pilhas, se estraga, uma a maior parte, em dezenas de ar-sazens por ali roda. O sr. Comissário desta cidade, que tanto se queixa dos batateiros e diz que os vam mandar prender, já reparou isto? Já reparou nisto toda a gente?

Não será crime expôr a fome todo o povo dumha cidade e deixar apodrecer vagões e vagões de batatas numa estação?

A liberdade do comércio significa a liberdade da ganância criminosa, a liberdade de agarramento, matando

coisas mutuas regalias a todos os seus componentes. E' uma imensidão de coisas que nem vale a pena estar aqui a enunciá-las, segundo temos no mesmo jornal.

Em suma: é uma vida de relativo conforto que os nossos governantes proporcionam aquela «briosa» corporação... C.

Monção

16 de FEVEREIRO

A hidra

Na noite de 16 para 17 do corrente, rebentaram em vários pontos desta vila algumas bombas carnavalescas, que foi o bastante para que os amigos da desordem, fizessem andar as autoridades a procura dos bombistas. O *Século* deu essa notícia, o que deu o resultado de ser enviado para aqui um polícia de investigação, que nada apurou, apesar de lhe terem dito que as bombas de carnaval foram deitadas por bolevezistas.

Parce-me que esta vez o seu pai ainda não ficou armado à minha custa, demais que o chefe Vidal há de querer livrar a responsabilidade de actos que não pratica.

Parce-me que esta vez o seu pai ainda não ficou armado à minha custa, demais que o chefe Vidal há de querer livrar a responsabilidade de actos que

que se confessa sincero amigo de «A Batalha», António Faustino Pereira Júnior.

Se mais, desde já lhe agradece este

proprietário desta casa pede o especial favor de confrontarem a coleção em preços, qualidades e bom gosto, pois que não terá outra igual, que para isso tem o maior cuidado e escrupulos.

Pegue amostras a JAIME PINTASILGO

LANIFICIOS COVILHÃ

LANIFICIOS

Não confundir. É o actual proprietário da antiga e bem conhecida casa Jerónimo Matos Pintasilgo, que vem lembrar mais uma vez ao consumidor, a conveniência de fazer as suas compras directamente ao fabricante, pois que o intermediário absorve largos e fabulosos interesses os quais são prejudiciais ao consumidor.

Um simples postal dirigido a JAIME PINTASILGO — COVILHÃ, lhe será enviada uma coleção na volta do correio e, no caso de qualquer escolha, nos postais que envia junto às amostras, indicar o

Todas as despesas de transporte, de amostras e encomendas, são de conta da casa.

O proprietário desta casa pede o especial favor de confrontarem a coleção em preços, qualidades e bom gosto, pois que não terá outra igual, que para isso tem o maior cuidado e escrupulos.

Não confundir: PEGUE AMOSTRAS A JAIME PINTASILGO

LANIFICIOS COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS

